

O ENSINO DE ARTE E A EDUCAÇÃO NAS SOCIEDADES PÓS-MODERNAS

Sônia Maria de Oliveira Othon*

Para falar sobre o ensino de arte nas sociedades pós-modernas, torna-se necessário compreender que tipo de sociedade é essa. Começemos, portanto, definindo o que é pós-modernismo na visão de Santos (1991, p. 7-8): "é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950)". De forma genérica, abrange tudo o que aconteceu a partir da segunda metade deste século nas sociedades pós-industriais, que são aquelas baseadas na Informação. Daí que, quando falamos em sociedade pós-moderna, é da sociedade pós-industrial, também chamada de informática, que estamos falando. E que mudanças seriam essas, a conferir a uma época a denominação de pós-moderna, ou seja, daquilo que vem a seguir ao moderno, que vem depois do moderno, pois moderno já não é mais? O que teria feito essa época e essa sociedade mudarem tanto para assumirem outra fisionomia, com características tão diversas das que imediatamente lhe antecederam?

O EFEITO CHIP

Atribui-se ao **chip**, microprocessador menor que a unha de um adulto, a responsabilidade pela dimensão das mudanças. Com ele, a humanidade entrou na Era da

* Professora de Evolução do Teatro e da Dança no Departamento de Artes da UFRN (Especialista em Ensino de Arte pela UFRN).

Informática. Agora, o conhecimento e a informação recebem um tratamento computadorizado, o qual se caracteriza pela comunicação através de **signos**; estes geram **mensagens**, que **representam** a realidade para o homem. As mensagens são veiculadas, a vertiginosa velocidade, pelos **meios** de comunicação de massa (livro, rádio, jornal, TV, etc.). O homem pós-moderno vai sendo moldado: ele preferirá a imagem ao objeto, a cópia ao original, o simulacro (a reprodução técnica) ao real. Ele deixou de ser moderno, estando para além do modernismo. Sendo ou não uma continuação deste – cabe aos filósofos discuti-lo – foi para o pós-moderno que o homem evoluiu. Sua ligação com o mundo, agora, se estabelece através dos meios tecnológicos de comunicação, isto é, através de simulação. Junto com o computador, a televisão (em seus programas, vinhetas e publicidades) simula um espaço hiper-real, espetacular, que fascina e seduz o homem. As crianças, hoje em dia, não querem deixar de assistir nem aos comerciais, de tão seduzidas pelas imagens televisivas. As propagandas de brinquedos, alimentos, cosméticos, automóveis simulam o real intensificado na cor, na forma, no tamanho e em suas propriedades. Tudo parece melhor do que é na vida real. Fabrica-se desse modo, um real mais real e mais prazeroso do que a realidade, criando em nós um excesso de expectativas e moldando nossa sensibilidade por imagens sedutoras. Somos impulsionados, assim, ao consumo, não só de informações, como dos mais variados produtos, via publicidade. Conforme o sociólogo francês Jean Baudrillard, as mensagens criadas pelo **bombardeio informacional** visam a espetacularização da vida, a simulação do real e a sedução do sujeito.

As sociedades pós-industriais estão saturadas de informação; aqui se inclui a informação publicitária, a do design, a das embalagens, a dos mass media e a dos

aparelhos tecnológicos (micros, vídeo,...). É um verdadeiro bombardeio! O homem transforma-se num terminal de informação. E cada um é um. As mensagens não atingem um público coeso, atingem um público disperso, cada um **na sua** (em sua casa, em seu carro, em seu micro), atomizando, fragmentando a massa pós-moderna. O isolamento, o individualismo exacerbado é um dos problemas dessa sociedade. Eis o resumo do homem pós-moderno: ele é um terminal de informação; consome estimulado pela informação publicitária; ocupa-se com a tecnociência (micro, vídeo, telefone celular, etc.) e é um indivíduo atomizado. A massa moderna era movida por interesses de classe e por idéias; a pós-moderna é diluída em indivíduos captadores de informação em separado. Para atingí-los, recorre-se a mensagens que vão direto aos seus desejos. E se deseja conforme o código dos simulacros. Na modernidade, produtora de energia, havia a dominação pela força (máquinas, armas, disciplina, polícia). A pós-modernidade, consumidora de informação, motiva e controla primeiramente pela sedução (personalização, moda, erotismo, humor). Ela promete a exclusividade da personalização: **feita só para você**. O erotismo está em quase todas as mensagens; surpreendentemente, algumas veiculadas na TV contêm um erotismo gratuito e inteiramente dispensável. A descontração e a desdramatização do social se conseguem pelo humor, que não é agressivo nem crítico, mas fleumático. Como se diz em gíria, o **fica frio** dá o tom pós-moderno.

A moda, ao que parece, foi um dos aspectos da cultura que mais apreendeu a noção do pós-moderno. Ela desbandeirou-se em excentricidades. É isso mesmo: saiu do eixo, abandonou-o, cabendo dentro dela todas as liberdades de criação, aceitando tudo e permitindo a

convivência de todos os estilos. Quando assistimos a flashes desse tipo de desfiles, pela televisão, perguntamo-nos — quem usa essas extravagâncias? Meus filhos questionam por que empregar tanto dinheiro em modelos tão exagerados e esquisitos que o povo nunca vai adotar. Isso é aqui no terceiro mundo. Lá, no primeiro, os estilistas de moda atizam a festa mercadológica que é o cotidiano, estimulando o consumo, não só de roupas, mas de tudo o que a elas se incorporou: música, dança, humor, gíria, maquiagem facial e capilar.

A arte pós-moderna, em torno dos anos cinqüenta, opôs-se à arte moderna que, por sua vez, se opusera radicalmente à estética tradicional nos inícios do século vinte. Os modernos levaram ao extremo suas emoções, seus subjetivismos, declarando-se guias de uma burguesia míope e conformista, apresentando a arte como um conhecimento superior da existência. Diante da catástrofe da primeira guerra mundial, os expressionistas, na pintura e no teatro, fazem eclodir seus sentimentos em borrões e distorções, enquanto os surrealistas, com humor ou terror, dão vida ao onírico. Os poetas, Mário de Andrade inclusive, quebram a sintaxe, adotam imagens irracionais e libertam as palavras. Joyce, Kafka e Proust, no romance, descobrem os segredos mais profundos da mente, diluindo o tempo, o personagem e o enredo realistas (elementos tão caros aos literatos, os dramáticos inclusive, do século dezenove). Na música, Schonberg, Webern e Alban Berg introduzem e desenvolvem o dodecafonismo (sistema dos doze sons), apresentando dissonâncias jamais imaginadas antes, destroçando até os acordes ampliados de um Debussy. O modernismo, em arte, pois, representou uma ruptura, uma quebra das normas e valores vigentes até o começo deste século, feita com emoção, irracionalidade e humanismo. A

exceção fica por conta da arquitetura, quando em 1919 a escola Bauhaus, fundada na Alemanha por Gropius, proclamou a **racionalidade funcional** contra o ornamento clássico, construindo com ferro, concreto, vidro e ângulo reto as megalópolis de hoje.

O pós-modernismo não aceitará mais a racionalidade dessa escola, combatendo na Bauhaus o seu princípio modernista de que **a forma segue a função**. Contra as selvas de pedra modernistas, os pós-modernos pesquisam novos materiais e retomam o uso de alguns até esquecidos, como o cascalho; à pureza e à dureza das retas, preferem o ecletismo, mesclando enfeite barroco com vidro fumê; a função, agora, se submete à forma e à fantasia (ressurgem a coluna grega, os arcos, ...), trabalhando linhas e formas curvas com as oblíquas, dando ao visual um toque de desequilíbrio, movimento, bizarrice, tudo isso para falar a mesma linguagem dos seus usuários. A arquitetura pós-moderna busca a vida, adotando a cor, o humor, a alegria, opondo-se à sisudez e ao rigor dos ângulos retos modernistas.

Nas artes plásticas a ruptura se deu em meados dos anos cinqüenta, com a chegada da Pop arte, insurgindo-se contra o subjetivismo e o hermetismo dos modernos. Esta **antiarte** deixará os museus, as galerias, o teatro para lançar-se às ruas com uma linguagem acessível ao grande público: os signos e objetos de massa, decretando uma comunicação direta, jovem, alegre na pintura e na escultura. Andy Warhol, por exemplo, em sua obra **50 Marilyns**, faz arte em cima da arte de massa (a foto publicitária), serializando-a até que o real – o referente Marilyn Monroe, se dilui por trás do simulacro grandioso, espetacular de sua imagem massificada. Já a obra **F111** de James Rosenquist mostra um avião caça F111 fragmentado por preocupações

cotidianas dos americanos – pneus de automóveis, cogumelo atômico e um mar de espaguete enlatado. Sua tese é que a garantia da sociedade de consumo está no poder militar (aviação). Ao exagero desse mural de trinta metros, soma-se o fragmento, a vida feita em pedaços de consumo. Lichtenstein recorta quadrinhos, amplia-os com projetor e os pinta com cores bem fortes, levando o gibi para os museus. O hiper-realismo/foto-realismo, forma de arte Pop, copia tudo (os simulacros) em tamanho natural ou aumentado (hiper, enorme), com tinta acrílica, brilhante, deixando o real mais intenso, mais vivo.

Na escultura as peças vestem materiais reais, como roupas, óculos, celofane, etc. A arte Pop e suas derivadas desdefinem, desestetizam e desmaterializam a arte. Para ela o que interessa é a idéia, a criação mental do artista, manifesta num esboço, esquema ou frase. As artes plásticas e cênicas buscaram formas de fazê-lo e o conseguiram através do **happening** (o artista utiliza a rua, as pessoas e objetos reais para fazer desabrochar um acontecimento criativo) e da **performance** (desempenho); esta atrai a atenção para o artista e os materiais que utiliza, a fim de chocar o público sob algum aspecto.

Nesse primeiro momento, o essencial do pós-modernismo é: comunicação direta/fusão com a estética de massa (mass-media)/materiais não artísticos/objetividade/anti-intelectualismo/anti-humanismo/superficialidade/efemeridade/fim da arte culta, emotiva, superior, eterna. A arte, parece, esgotou-se. E, agora, para onde ir?

Não tendo para onde ir, ela volta ao passado pela paródia, pelo pastiche e pelo neo-expressionismo, dando surgimento à **transvanguarda**. Esta representa o fim das vanguardas e a defesa do ecletismo amplo, sem

compromisso social ou intelectual na arte. Ao lado daquelas tendências plásticas já citadas, há também o grafitismo e o neo-realismo, este na escultura, além da mais recente novidade: a vídeo-arte, que é a arte feita no computador. Na tela as figuras podem mexer-se, mudar a forma ou a cor, assumir o tridimensional. É a arte literalmente em movimento.

Examinemos o pós-moderno nas sociedades propriamente pós-modernas, mas em outros ramos de arte. Na música ele está presente sob várias formas: nas experiências de John Cage com o silêncio, nas peças de Steve Reich para mãos descompassadas, nos temas minimalistas (termo emprestado das artes plásticas – **minimal art**) de Philip Glass – frases executadas em uníssono, repetidas até à exaustão com poucas variações de timbre, e no som **tecnopop** de Laurie Anderson, que processa na parafernália eletrônica, tal um liquidificador doméstico, a voz humana, os instrumentos e os gêneros populares ou eruditos. Por fim, não esqueçamos o rock punk, new wave e suas variantes.

A dança, diríamos, parafraseando Camões em Os Lusíadas, enveredou por caminhos nunca dantes percorridos, eliminando quase totalmente o formalismo e o drama, desestetizando-se (coloca dançarinas gorduchas) e desdefinindo-se. O maior nome nessa área é o da alemã Pina Bausch, cujas coreografias passam do *sublime* ao *grotesco*, como sonhou o escritor e teórico da arte Victor Hugo, no século passado, sem imaginar que alguém pudesse chegar ao extremo de desdefinir sua arte.

No teatro, o grupo de Julian Beck, o Living Theater, surpreendeu com o **happening** de que já falamos antes, evoluindo através de muitas outras experiências até chegar ao grupo italiano Gaia Scienza, autor coletivo de uma peça

– **Os insetos preferem as urtigas** – que não têm texto nem enredo; só os corpos se movimentam, imitando no palco fenômenos biológicos: crisálidas, fetos, desabrochamentos.

Finalmente, no cinema, reino dos efeitos especiais, último ramo da arte pós-moderna a ser examinado na exigüidade de tempo e espaço que este trabalho impõe, está presente, mais uma vez, a nostalgia do passado aliada à ficção científica. Só alguns exemplos: volta ao gibi, ao seriado, em **Indiana Jones**; as batalhas medievais retornam, desta vez ao cosmos, em **Guerra nas estrelas** e em desenhos animados para a televisão como **He man**; os anos 20/30/40 são refilmados, baseando-se em documentários da época, vide **A lista de Schindler**. O futuro da tecnociência veste a roupagem policial em **Blade runner** e, já analisando a condição pós-moderna, **Salve-se quem puder**, de Godard, onde se observa o individualismo, e **Paris-Texas**, de Win Wenders.

O ENSINO PÓS-MODERNO

Expostas todas as artes pós-modernas, passemos ao ensino da arte nestas sociedades. O que ensinar e como ensinar arte num mundo pós-moderno, **eis a questão**, como diria Shakespeare em **Hamlet**. A arte tem um papel e seu papel é relevante nesse tipo de sociedade. Para Nietzsche, pensador pós-moderno já no fim do século XIX, cabe à arte conduzir o homem para um novo estilo de vida, levá-lo a superar o niilismo, o desencanto com a vida, pela transvaloração de todos os valores, chegando a construir uma cultura direcionada para o prazer na alegria, o corpo integrado à imaginação poética, à arte, enfim. Isto seria conseguido, nem pela ciência, nem pela religião nem pela filosofia, mas pela arte, plantada no presente, aberta para

o futuro. Trata-se de uma idéia sublime, mas um tanto utópica. Nietzsche parece atribuir à arte um super-poder, um extraordinário poder de reconduzir o homem ao paraíso perdido. No entanto não se pode negar o seu papel de denúncia, de contestação, de transformação, de libertação... E o que fazer com a antiarte pós-moderna agora e daqui para a frente? Para uns, ela está decadente, virou brincadeira, paródia, pastiche, sem regras estéticas nem força intelectual, sem originalidade e sem saber criar. Este é um ponto de vista. Outros a vêem de modo diferente: ela abalou preconceitos, fez cair barreiras entre arte erudita e de massa e também entre os gêneros; seu pluralismo permite a convivência de todos os estilos e épocas, numa democracia que aceita a diferença e a dispersão, anula hierarquias e regras absolutas.

Afinal, esta antiarte matou a arte ou renovou-a? Não sabemos, pois em tudo o que é pós-moderno reina o indecível, a arte não escapando dele. Até a modernidade, a representação das coisas era ordenada, organizada, baseando-se no OU, que separa e exclui: capitalista ou socialista/normal ou louco/analfabeto ou culto. Na condição pós-moderna, nada tem identidade definida e se passa para a lógica fundada no E; tudo é isto e aquilo. Dentro dessa ótica, a vida não é para ser resolvida, mas vivida através de experiências em série, ligadas **ad infinitum** pela palavrinha **e**.

A experiência pós-moderna está diante de nós. Depois que ela se instalou, não há como negá-la. Válida ou não, ela aconteceu e está, ainda, acontecendo. Pode ser que a ressaca dessa maré esteja começando a se acalmar. De qualquer forma, ela avançou e deixou seus vestígios; não há como apagá-los. Um de seus melhores vestígios foi mostrar que no pós-moderno há ambiente para conviverem todas as tendências, todos os raciocínios, todas as

manifestações. Creio que esse movimento ou o que queiram chamar, está abrindo cada vez mais espaço para que se manifestem todas as formas de expressão artística com a maior liberdade, dando, também, aos indivíduos, o livre-arbítrio de ensinarem e de aprenderem o que quiserem e como quiserem, inclusive arte, deixando que estabeleçam critérios pessoais de julgamento e de escolha. Esperamos, até, que possibilite aos homens ultrapassarem a opção pós-moderna de consumir, alcançando a opção transmoderna de não consumir, se assim for o seu desejo. Se vamos consumir as mensagens pós-modernas, ensinemos aos alunos, não só os de artes, mas principalmente estes, que é preciso decodificar tais mensagens. No pós-modernismo saturado de imagens, torna-se necessário aprender a lê-las, alfabetizar a visão. Segundo a profa. Ana Mae Barbosa, uma pesquisa francesa constatou que 82% do que aprendemos é captado pela visão. Desses 82%, 51% se aprende inconscientemente. Portanto, se não nos exercitamos para saber ler e analisar o visual de hoje, seremos facilmente manipulados, o que é bastante temerário num país que já provou a eficiência da televisão para ganhar eleições.

Olho vivo, olho bem aberto, atento para a visão analítica e crítica de todas as coisas, sob todos os aspectos. Nada de engolir sem digerir. Na condição pós-moderna, alguém já disse que a vida é **experiências em série para se fazer**. Façamo-las com consciência e responsabilidade do nosso papel como ser social. Tudo o que fazemos hoje tem reflexos no amanhã, daí que concordo plenamente com a afirmação de Adam Schaff de que **o futuro não é um destino determinado pelo desenvolvimento da tecnologia, mas obra do homem** (1993, p. 154).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação**. São Paulo. ECA/ USP/SESC. 1991: Comunicação e artes em tempo de mudança.
- COELHO NETO, José Teixeira. **Moderno Pós-Moderno**. Porto Alegre. L & PM, 1986.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1993.
- SUBIRATS, Eduardo. **Da Vanguarda ao Pós-Moderno**. São Paulo: Nobel, 1987.